Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 326

11 DE JANEIRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A primeira parte da nossa chronica de hoje podia ter titulo, um titulo de romance sentimental antigo, ou de quadro de melodrama lacrimoso da Rua dos Condes, que Deus tem:

DEPOIS DA TEMPESTADE A BONANÇA

Effectivamente depois d'esse temporal medonho que se desencadeou em Portugal nos ultimos dias de 1887 e nos primeiros de 1888, depois d'essa chuva torrencial que transformou as cidades baixas marginaes do Tejo em pequenas Venezas, que fez cahir muitos muros e alagar muitas casas ahi por essa Lisboa, depois d'essa ventania furiosa que arrancou muitas arvores gigantes e que fez andar n'uma dança todas as vidraças das mansardas lisboetas, o inverno cançou-se de tanta furia, teve pena dos pobres portuguezes que andavam já por ahi assustados, sem saber de que terra eram, pensando que o bom sol peninsular se safára para sempre, que o seu azulado céu transparente nunca mais volveria a servir-lhes de tecto, e n'um momento de bom humor, varreu d'esse céu todas as nuvens negras que lhe davam o aspecto phantastico de um ceu tempestuoso de gravura de Gustavo Doré, pendurou outra vez no firmamento azul o sol d'ouro a cuja luz e calor estamos habituados desde que nascemos, e foi dormitar um bocado sobre as façanhas antigas, o bom do inverno, deixando a primavera aproveitar o seu somno, para nos começar a alegrar com os seus sorrisos radiosos.

Estes bellos dias risonhos, fizeram descalefetar todas as janellas, enxotaram para a rua toda a elegante população de Lisboa que se fechára a sete chaves nas suas casas confortaveis, emquanto o temporal passeava pela cidade como em paiz conquistado, e tornaram a pôr em moda a *Avenida da Liberdade*, o *Bois*, o *Buen Retiro*, o *Hyde Park*, de Lisboa.

Das tres ás cinco da tarde, tudo o que ha de elegante em Lisboa, se reune na Avenida, faltando apenas a presença de Sua Magestade a Rainha, para lhe dar o tom altamente elegante e distincto que a Avenida tinha, no anno passado.

A ausencia da gentilissima Rainha dos portuguezes, sempre muito sentida em toda a parte, é ainda mais sentida pelo motivo que a origina. Esse motivo é a doença de El-Rei D. Luiz, doença que feilzmente tende a desapparecer, e cujas boas noticias tem tranquilisado todo o paiz, que adora o seu soberano como o melhor dos reis e o melhor dos homens.

Sentimo-nos sinceramente felizes em annunciar que a doença de El-Rei D. Luiz não tem gravidade alguma, e são completamente destituidos de qualquer fundamento os boatos que em contrario tem corrido.

A ausencia d'El-Rei no theatro de S. Carlos, onde costumava ir todas as noites, a sua não comparencia á abertura das camaras, á recita de gala, ao *Te-Deum* do fim do anno, á festa dos Reis, deu certa verosimilhança a esses boatos de doença grave, que felizmente não existe e nunca existiu.

El Rei D. Luiz tem tido apenas uma profunda anemia causada pelo excesso de trabalho e abuso de fumo. Os medicos que o tratam impozeram-lhe um regimen de vida muito severo, regimen a que Sua Magestade se submetteu e graças ao qual tem melhorado a olhos vistos, estando já quasi a entrar em franca convalescença.

Todo o paiz folga com estas boas noticias, como com as noticias das melhoras de um parente querido, d'um amigo estremecido, porque pelas suas excepcionaes qualidades d'espirito, de caracter e de coração, El-Rei D. Luiz é querido e adorado por todos os portuguezes.

Desde que Sua Magestade El-Rei, está doente, Sua Magestade a Rainha, apesar da doença não ser de cuidado, não se tem tirado do lado de seu augusto esposo, tem sido a sua enfermeira carinhosa e disvelada.

E por isso nunca mais ninguem viu a Rainha em parte alguma, nem em passeios nem em theatros, e da familia real as unicas pessoas que tem frequentado ultimamente as recitas do theatro de S. Carlos, tem sido suas altezas os srs. infante D. Augusto e infante D. Affonso.

Essas recitas tem sido notaveis e merecem que a chronica se occupe d'ellas minuciosamente.

N'uma d'ellas a Patti foi pateada, e este facto é tão extraordinario na carreira artis-

SUA ALTEZA
O PRINCIPE FREDERICO GUILHERME VICTOR ALBERTO
DA ALLEMANHA

tica da celebre diva, que não se póde passar sobre elle como gato por sobre brasas.

Nós nunca pateámos ninguem, fomos sempre contra a eloquencia dos pés no theatro, e por isso somos perfeitamente logicos censurando a pateada á Patti do mesmo modo que a censuramos a qualquer outro artista, mas se censuramos a pateada á Patti, não deixamos comtudo de comprehender e de achar justificado o desagrado do publico, ante o desempenho que a celebre artista deu á valsa da sombra, da *Dinorah*.

A Patti, n'esse trecho notavel, o *clou* da opera, foi não só muito inferior a si propria, mas tambem inferior a outras artistas muito menos illustres, que a tem cantado em Lisboa.

E alem de o seu desempenho ser mediocre, a Patti cortou a seu bello prazer essa valsa, como lhe pareceu, não dando por tanto nem em qualidade, nem em quantidade, ao publico, aquillo que elle tinho direito a exigir.

Ora comprehende-se perfeitamente o desapontamento e o desagrado do publico, que indo para o theatro á espera d'uma execução extraordinaria, que por preços extraordinarios pagára tambem, encontra no fim de contas um desempenho vulgar, que não só esteve muito abaixo do que se esperava d'uma celebridade unica, como é a Patti, mas que ficou muito inferior, confrontando-se com o desempenho que a esse mesmo trecho déra, quinze dias antes n'esse mesmo theatro, a Nevada, que não veiu a Lisboa como artista extraordinaria, e que nem como tal se fez pagar.

O desastre da *Dinorah* foi realmente um desastre, de que a Patti se desforrou brilhantemente com o *successo* do *Chrispim e a Comadre*, que foi realmente um exito extraordinario.

No *Chrispim* a Patti é primorosa como cantora e como comediante; cantou com uma rara perfeição e representou com adoravel graciosidade todo o seu papel, e d'ahi uma ovação calorosa, unanime, sincera, tão sincera como o desagrado da noite da *Dinorah*.

No papel de sapateiro Chrispim, distinguiu-se muito o baixo buffo Caracciolo, que debutára com agrado no marquez da *Linda de Chamounix*; é um artista comico muito notavel, que tem graça deveras, o que nem sempre acontece aos buffos italianos, e que não exagera a *charge*, não força a nota, o que acontece raras vezes aos cantores comicos.

No papel de Chrispim, Caracciolo manteve sempre o publico em constante hilariedade, sendo muito bem secundado pelo baixo Caetano Roveri, que fez excellentemente, com uma bella veia comica, e com um talento de bom comediante, que lhe não conheciamos, o papel de Mirabolanto.

O barytono Terzi cantou muito bem toda a opera, e contribuiu tambem para o grande *successo* do *tercetto* buffo do 3.º acto, que é um dos mais notaveis trechos da alegre partitura dos irmãos Ricci, e que teve um exito collossal, sendo bisado no meio de enthusiasticos applausos.

O grande acontecimento de S. Carlos, porém, foi a estreia da sr.ª Regina Paccini, na *Somnambula*.

Regina Paccini é uma gentil creança de 17 annos, que nós todos, lisboetas, conhecemos de pequena, vimos crescer deante dos nossos olhos, ahi por toda a Lisboa, pelos theatros, pelos circos, pelos passeios, que ella frequenta muito com sua mãe e seus irmãos.

Regina Paccini, é filha do bom Paccini, de S. Carlos, que a morte roubou ha annos, sem lhe dar o grande prazer de ver a sua filha victoriada e glorificada por um publico inteiro, e que publico! — o publico de Lisboa, um dos mais difficeis e exigentes para com toda a gente, e sobre tudo para com os seus patricios.

Pois essa pequena Regina Paccini, apesar de ser lisboeta e de saber que aqui, mais do que em qualquer outra parte, é verdadeiro o dictado de que «santos de casa não fazem milagres», apesar de ser cantora ligeira e de em S. Carlos estar agora como cantora ligeira a rainha de todas ellas, a Patti; não se atemorisou com isso e atreveu-se a debutar no dia immediato ao grande successo da *diva*, no *Chrispim*, e a debutar cantando a *Somnambula*, que noites antes fôra cantada em S. Carlos pela Nevada — e apesar de tudo isso, apesar de todos esses apesares, a Regina Paccini, teve o debute mais glorioso de que resam as chronicas do despontar das mais brilhantes estrellas, teve o *successo* mais extraordinario de S. Carlos n'estes ultimos tempos.

É que effectivamente Regina Paccini é um prodigio! A sua voz tem ainda um timbre infantil que denuncia a creancice da debutante, essa creancice denuncia-se tambem na sua inexperiencia da scena, na *gaucherie* embaraçada com que representa, e até com que recebe os applausos, mas essa voz é tão bonita, tão extensa, tão afinada, no seu canto ha já tanta arte, tanto talento, tão extraordinarias revelações precoces d'uma aptidão artistica excepcional, que o publico maravilhado, fez-lhe uma ovação como ha muito se não faz em S. Carlos, sagrou-a artista logo ao seu debute, em acclamações triumphaes

E quem principia assim, quem principia por onde muitos cantores não acabam, tem a obrigação restricta de ser em breve uma celebridade unica.

Que cumpra com a sua obrigação é o que nós sinceramente desejamos.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE FREDERICO GUILHERME VICTOR ALBERTO

A avançada edade do imperador Guilherme e a grave emfermidade de seu filho o Kromprinz, tem feito dirigir de um modo especial as attenções da politica européa sobre o principe Frederico Guilherme Victor Alberto, filho primogenito do principe herdeiro do throno da Allemanha.

Achamos, portanto, do maior interesse para os nossos leitores o publicarmos o retrato e a pequena biographia do que, de um momento para o outro, póde ser chamado a presidir aos destinos da Allemanha e a tomar uma parte importante nos destinos da Europa.

Das versões que correm a respeito do futuro Kromprinz e muito provavel imperador, póde-se concluir que este principe não tem ainda uma grande popularidade no seu paiz, e que as suas ideias são completamente oppostas ás de seu pae, não deixando ainda de estar em certo desaccordo com as ideias do grande chanceller Bismark.

Diz-se ser bastante altivo e authoritario, e para na Allemanha assim o considerarem, é facil perceber até que grau chegará a sua altivez e autocracia. As suas ideias religiosas, bastante exageradas e intransigentes, tambem são um forte obstaculo ás aspirações de liberdade do povo allemão, e é por tudo isto que a sua provavel subida ao throno, preoccupa receiosamente não só a Allemanha, mas a Europa.

Parece comtudo, que entre as ideias do principe e as de Bismark ha um ponto em que se encontram: é a guerra, e n'este ponto Moltck deve-o idolatrar.

A educação do principe Frederico Guilherme encaminhada por seu avô, mirou a dois fins principaes, o desenvolver-lhe sentimentos religiosos, o ministrar-lhe toda a instrucção militar que fizesse d'elle um valente general.

Os seus sentimentos religiosos encontraram bom apoio na princeza sua esposa, que mais lhe tem animado as suas ideias ultra conservadoras. A sua sciencia militar ainda a não poude pôr em pratica de modo que a provasse ruidosamente e fizesse d'elle um novo Frederico o grande, como lhe chamam os seus cortezãos.

E n'este ponto que o principe se encontra com Bismark e com Moltck, e tanto lhe bastará para se entender com o chanceller e conservar o jugo das armas que assoberba a Allemanha, sempre na vespera de uma guerra collosal.

O principe Frederico Guilherme nasceu em Berlim a 27 de Janeiro de 1859, estando proximo a completar em breves dias vinte e nove annos de idade.

Os seus primeiros estudos militares realizou-os no collegio de Kassel, e depois seguiu varios cursos de sciencias naturaes e direito na Universidade de Bonn Nos circulos militares da Allemanha é tido como um verdadeiro militar instruido e conhecedor da tatica da guerra, com toda a iniciativa e intelligencia, que devem formar um bom general.

A guerra é a sua maior aspiração, porque n'ella vê a fama do seu nome de grande general.

No exercito occupa o posto de coronel do regimento de hussares da Guardia, do primeiro regimento de infanteria da Guardia, do regimento de granadeiros de Pomerania e do segundo regimento da Landwehz.

Casou em 1881, com a princeza Augusta Victoria Frederica Luiza Theodora Jenny, que nasceu em Dalzig a 22 de outubro de 1858, e que é filha dos duques soberanos de Slesvig-Holstein-Sonderburg-Augustenburg, Frederico Christiano Augusto e Adelaide Victoria Amelia. D'este consorcio já nasceram quatro filhos.

Eis, por emquanto, a biographia do principe Frederico Guilherme, que n'este momento chama as attenções da Europa.

A COLONIA PORTUGUEZA EM MONTEVIDEU

A FESTA DA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE SOCCORROS MUTUOS MARIA PIA

O *Correio de Portugal*, folha portugueza que se publica em Montevideu e de que é director o sr. commendador Manoel Rodrigues Vieira, trouxe-nos a noticia da festa celebrada n'aquella cidade pela *Sociedade Portugueza de Soccorros Mutuos Maria-Pia*, no dia 16 de Outubro do anno findo, anniversario de Sua Magestade a rainha D. Maria Pia.

Essa noticia nos fornecerá os dados para o artigo com que acompanhamos a nossa gravura da pagina 12, copia de uma photographia que d'alli recebemos e que gostosamente reproduzimos, no Occidente como um documento autentico da grande vitalidade da colonia portugueza de Montevideu.

São os portuguezes um povo colonisador por excellencia, desenvolvendo muito mais actividade fóra do seu paiz que no seio da patria, accrescendo ainda a circunstancia de que a espatriação mais lhe faz avivar o amor da patria sem que as riquezas e as commodidades que alcançam nas longiquas terras onde vão procurar fortuna, os façam esquecer d'ella.

Sem ser precizo recordar a historia de seculos, basta limitarmo-nos aos tempos modernos, para conhecer o quanto tem influido o elemento portuguez para o desenvolvimento do novo mundo, muito especialmente na America do sul, para onde a emigração tem sido mais abundante e mais constante.

A influencia das colonias portuguezas n'aquelle grande paiz revela-se por todos os modos, e quazi não ha cidade ou aldeia onde se não encontre o portuguez, trabalhando com todas as suas forças, para a riqueza commum, que tanto o engrandece a elle como ao paiz em que exerce a sua actividade.

N'essas cidades e aldeias raro é tambem não encontrar uma agremiação ou sociedade de portuguezes, constituidas sob differentes titulos, mas todas com um fim especial: a beneficencia e a instrucção, dois grandes elementos com que se amparam e avigoram no exilio, velando pelos seus irmãos infelizes, e procurando na instrucção a melhor garantia para as suas empresas e para a consideração publica.

É assim que respeitaveis sociedades portuguezas se acham estabelecidas por toda a America do sul, e no numero d'estas encontramos a *Sociedade Portugueza de Soccorros Mutuos Maria Pia*, fundada em Montevideu em 1880.

Esta sociedade, que conta uma gloriosa existencia, cheia de beneficios aos seus associados e até a extranhos, não esqueceu, como se vê, a patria, tomando para titulo o nome da rainha de Portugal, e commemorando o seu anniversario no dia que tambem é o anniversario da virtuosa princeza.

A festa de que nos vamos occupar realizou-se na quinta do sr. Antonio José Martins, dignissimo thesoureiro da sociedade e bem conceituado negociante da praça de Montevideu.

Foi uma festa explendida a que concorreram, alem dos socios, grande numero de convidados onde se destinguia a melhor sociedade de Montevideu, assistindo o sr. conselheiro Souza Lobo, ministro portuguez em Buenos Ayres, Dr. Lisboa, secretario da legação do Brazil, altos funccionarios do governo argentino, officialidade de marinha brasileira, representantes da imprensa, etc.

A quinta do sr. Martins, que elle franqueou para esta festa concorrendo com todas as despezas, estava alegremente decorada; festivas bandeiras de todas as nações balouçavam-se ao vento por sobre o recinto da festa.

Em uma grande meza elegantemente disposta, foi servido um lauto almoço a parte dos convidados, repartindo-se outros pela quinta onde em

differentes pontos ardiam lentas fogueiras em que se assava carne, que era servida *con cuero* á moda da terra; os mais finos vinhos eram distribuidos profusamente e tudo concorria para animar aquella festa campestre.

Levantaram-se enthosiasticos brindes em que tomaram a palavra os srs. Foutella representante da *Sociedade Hespanhola de Soccorros Mutuos*, conselheiro Souza Lobo, commendador Manoel Rodrigues Vieira, commendador Mendes Gonçalves, presidente da *Sociedade Portugueza de Soccorros de Buenos Ayres*, representantes da imprensa hespanhola e portugueza de Montevideu, etc.

As meninas Cora e Odila, gentis filhas do sr. Antonio José Martins, recitaram duas graciosas poesias, que foram muito applaudidas.

Uma banda de musica da *Escola de Artes e Officios*, tocou durante a festa, sendo completo o regosijo de todos os convivas alli reunidos, para celebrarem o auspecioso anniversario da sociedade, e ao mesmo tempo renderem preito á rainha de Portugal.

Foi este dia de verdadeira festa para a colonia portugueza de Montevideu, dia que lhes deve ter deixado as mais gratas recordações, e que tambem lhes deve ter compensado as fadigas do seu labutar, retemperando-lhe o espirito alegremente, no meio das tristezas e das saudades da patria.

Estas reuniões festivas não são unicamente uma diversão que porporciona o gozo de algumas horas; são tambem um meio de aproximar, de unir, de rubustecer os individuos e é essa união, essa fraternisação que lhes dá a força e a importancia que distinguem as colonias portuguezas da America.

Folgamos de podermos registrar em nossas paginas estes factos honrosos para os nossos irmãos de alem mar, e aqui d'este cantinho da patria lhe enviamos as nossas sinceras felicitações pelos seus progressos e prosperidades.

O RIO LOBITO

A gravura que publicamos com este titulo é a reproducção de uma formosa paisagem africana, a que bem se póde chamar um quadro de mestre, pela bella composição das suas linhas, tal é a arte com que o photographo, sr. Moraes, soube escolher o ponto para photographar.

A Africa abunda n'estas paisagens, de que temos dado já bellas reproducções no OCCIDENTE, afim de tornarmos bem conhecido aquelle paiz, que hoje constitue uma esperança para a velha Europa decadente e gasta.

O rio Lobito tem uma bahia situada em 12° e 18' de latitude Sul e 13° e 19' de longitude Este. Esta bahia não é navegavel para embarcações grandes, e foi por muito tempo um bello abrigo para os navios que traficavam na escravatura.

Nas suas margens cresce o mangue abundantemente, ás raizes do qual vivem agarradas grande quantidade de ostras. Proximo das margens d'este rio vivem alguns pescadores em cubatas, e são estes os unicos habitantes d'aquellas paragens.

LEÃO XIII

II

Quando em fevereiro de 1878 falleceu o papa Pio IX, depois de um pontificado de 32 annos, a Europa inteira voltou com anciedade os olhos para o conclave, a fim de ver que nome sairia da eleição. Nunca a Europa talvez tivera tanto interesse na escolha de um pontifice, porque o nome que teria de se proclamar significaria talvez a guerra a todo o trance entre a Egreja e o seculo, ou uma conciliação entre o poder civil e o poder ecclesiastico.

Ora o pontificado nunca foi mais poderoso do que depois que o barão Kanzler, que acaba de morrer no meio das festas do jubileu, teve de capitular com os *bersaglieri* de Victor Manuel, e de entregar a porta Pia que os zuavos pontificios tinham procurado defender. Pio IX, desacompanhado dos soldados de Napoleão III, infundia maior susto á Italia e maiores preoccupações ao mundo inteiro, do que no tempo em que não era mais do que um insignificante rei de um estado italiano, na perfeita dependencia da Austria ou da França.

E Pio IX não se resigava á sua situação, e aspirava constantemente a pôr-lhe termo. Para isso despertava as irritações catholicas da Italia, e ora voltava os seus olhos para a França, apesar de republicana, ora para a Austria, que se desinteressára completamente dos negocios da Italia, desde que perdêra em 1859 a Lombardia, e em 1866 o Veneto, ora para a Allemanha com a qual estava então a ferro e a fogo, ora para a Russia, apesar de ser schismatica. E morreu sem ter visto raiar no horisonte uma aurora que tanto ambicionava, e até a morte lhe deixou o tempo estrictamente necessario para ver a coróa da Italia unificada passar, sem o minimo abalo, da cabeça do rei que a unificára para a cabeça de seu filho Humberto.

Se o novo papa herdasse as suas ambições e a sua indole bellicosa, a Italia e a Europa teriam de supportar as provações de uma guerra das consciencias sempre profundamente irritante. Se fosse um papa moderado, poderia chegar-se a um accordo honroso para as duas partes contractantes.

O nome de Joaquim Pecci satisfez completamente este ultimo grupo. Homem de sessenta e oito annos, energico, perfeitamente moderado, de irreprehensivel procedimento e de pouco vulgar illustração, déra como nuncio n'um paiz como a Belgica, agitado pelas discordias religiosas, exemplos da maior cordura, como prelado e como administrador provas da maior firmeza, como cardeal camerlengo provas do mais fino tacto. Foi com grande satisfação que a Europa inteira soube a eleição de Joaquim Pecci, que tomou o nome de Leão XIII.

Comtudo os partidarios do poder temporal não desanimaram. Um momento desconcertados pela eleição, não tardaram a comprehender que Leão XIII por outro caminho tendia ao mesmo fim. Houve alguns intransigentes que se conservaram fieis ás velhas doutrinas, e aos velhos processos. Mas esse numero vae diminuindo cada vez mais e o jubileu o demonstrou.

Um escriptor francez, Anatolio Leroy-Beaulieu, n'um artigo escripto logo depois da morte de Pio IX e da eleição de Leão XIII, depois de contar as desillusões e os desenganos que Pio IX tivera, escrevia na *Revista dos Dois Mundos*:

«Nenhum d'esses golpes da fortuna, nenhuma d'essas duras lições abalou a confiança do velho pontifice e das almas exaltadas pelos seus ensinamentos: Pio IX morreu sem ver a desforra da Egreja, Leão XIII será d'ella testemunha. Não diz a famosa prophecia de Malachias do successor de Pio IX: *Lumen in cœlo*, e o novo Papa não tem nas suas armas um cometa? E, se o triumpho não fôr para Leão XIII, será para o seu successor, ou para o successor do seu successor, porque aos olhos dos santos o dia do triumpho é certo, e todas as revelações annunciam que está proximo.

«É uma especie de millenio que o ultramontanismo assim espera, com uma fé tenaz que lembra a espera do segundo advento do Christo nos primeiros seculos da nossa era. É inutil perguntarmos a nós mesmos se esta confiança no triumpho temporal da Egreja militante, se esta victoria terrestre de uma causa que parecia não dever triumphar senão nos ceus, está de accordo com o espirito e com a tradição do christianismo Esta crença nova foi a alma e a inspiração do longo pontificado de Pio IX. Essa fé explica como é que o Vaticano, outr'ora tão affamado pela sua politica, tão pouco o foi nos ultimos annos. Na verdade, com tal desdem dos factos e do real, quando todas as previsões se fundavam no imprevisto, que logar havia para a politica? Não era senão uma esteril agitação e uma falta de fé. Se Pio IX conservou por muito tempo junto de si um ministro, que, pelos seus predicados e pelos seus defeitos era simplesmente um politico, Pio IX esse é que nunca foi. Ninguem se parecia menos com elle do que o sceptico e mundano Antonelli. Pio IX, depois das suas decepções de 1848, contou sempre pouco com os homens e com as molas humanas, sempre esperou tudo do ceu, esperando sem cessar os apostolos que deviam fazer parar o moderno Attila ou os anjos que deviam expulsar do templo o novo Heliodoro. O veneravel pontifice, e as pessoas que o cercavam, estavam entregues a uma especie de piedosa enfatuação, que lhes fazia tomar gosto em affrontar os acontecimentos e a historia. Esta tendencia para o illuminismo, essa recrudescencia de mysticismo, explica-se pelas idéas e pelas doutrinas em voga no sanctuario durante este pontificado de perto de um terço de seculo».

Este trecho explica muitas coisas actuaes. Para os crentes fervorosos no futuro do pontificado o jubileu com os seus triumphos foi o principio do millenio, a que allude o sr. Leroy-Beaulieu, e por isso tambem Leão XIII, em vez de fazer do jubileu uma era de conciliação, o aproveitou para accentuar mais a sua inabalavel dissidencia com o Quirinal. A politica de Pio IX não está tão abandonada como se cuida.

Pinheiro Chagas.

FABRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE

II

Quando no anno de 1824, o sr. José Ferreira Pinto Basto fundou a fabrica de porcelana na Vista Alegre, fundou ao mesmo tempo uma fabrica de vidro e crystal annexa áquella.

Esta fabrica foi dirigida no principio por Francisco Miller, allemão, que dirigira a fabrica de vidros do Côvo, e depois por João da Cruz e Costa que presidiu aos trabalhos até 1854.

Teve esta fabrica grande desenvolvimento devido á perfeição dos seus productos, fabricados com a cooperação de artistas estrangeiros, que o sr. Pinto Basto mandou vir de fóra, os quaes ministraram bom ensino e criaram artistas muito habeis, na lapidação e floristagem do vidro e crystal.

A sua producção chegou a grandes proporções de 1836 a 1840, mas depois foi declinando a ponto de, em 1846 se suspenderem os trabalhos, e pouco depois acabarem completamente.

Houve tambem junto á fabrica de porcelana um laboratorio de chimica, tendo por director D. Euzebio Roiz, official de cavallaria do exercito hespanhol, e chimico muito distincto, que veiu emigrado para Portugal, em 1826. N'este anno fundou o sr. Pinto Basto, um collegio para ensino profissional, instrucção primaria e musica, dirigdo por José Vicente Soares. Este collegio durou até 1842, tendo n'elle recebido ensino muitos operarios da fabrica, elevando-se a sua frequencia, nos ultimos annos, a quarenta alumnos.

O collegio deu origem á philarmonica que ainda hoje existe, composta de operarios da fabrica.

Tem a fabrica um theatro fundado em 1851, onde se tem dado varias recitas, e antes d'este, teve outro, fundado em 1826 ou 1827 cuja inauguração se realisou com a representação da comedia *O gallego lôrpa*.

A capella, cujo desenho faz o assumpto da gravura que acompanha este artigo, é tambem pertença da fabrica, sendo anterior á fundação d'esta, pois já existia quando o sr. Pinto Basto adqueriu a quinta da Vista Alegre para n'ella fundar a sua fabrica.

Esta capella, uma pequena casa e a quinta constituia uma propriedade, ao que parece, fundada, á excepção da capella, pelo dr. Manuel Furtado Botelho, que falleceu em 1733, deixando dito em seu testamento para ser sepultado na capella de Nossa Senhora da Penha de França, que é a invocação da capella a que nos referimos.

O sr. José Ferreira Pinto Basto comprou, em 1815, esta propriedade a Alexandre de Castro Brandão, capitão-mór que foi de Cantanhede.

A capella foi mandada edificar pelo bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, que falleceu em Vizeu a 7 de setembro de 1699, e foi o seu corpo trasladado para ella, em 1706, o qual jaz n'um magnifico tumulo, edificado junto ao altar-mór do lado da epistola.

É obra de grande merecimento em esculptura, vendo-se sobre a caixa do tumulo a estatua do bispo, de vestes prelaticias.

O povo acha esta obra tão maravilhosa que não crê que ella fôsse feita pelos homens, e creou uma lenda em que conta ser obra do diabo aquella maravilha.

Entretanto sabe-se que o seu auctor foi simplesmente o esculptor Claudio de Laplada.

Fronteiro a este tumulo ha outro menos apparatoso, mas tambem de boa esculptura do mesmo auctor. Sobre este tumulo vê-se uma estatua de mulher, sustentando na mão esquerda um baixo relevo, representando uma cabeça de freira, que parece ser allusão a D. Theodora de Castro Moura Manuel, filha do bispo fundador da capella, e que deveria ter seguido a vida monachal por desejos de seu pae, mas que parece não seguiu.

São estes dois tumulos o que de mais curioso se encontra no pequeno templo, que aliaz é de boa architectura, pittorescamente collocado entre o frondoso arvoredo que o cerca.

O edificio da fabrica cuja vista exterior reproduzimos em gravura no numero antecedente, é

COLONIA PORTUGUEZA DE MONTEVIDEU

Festa campestre da Sociedade Portugueza de Soccorros Mutuos Maria Pia, em 16 de outubro de 1887

(Segundo uma photographia)

um dos mais vastos estabelecimentos fabris que se encontra em Portugal, ainda que a sua apparencia exterior o não denuncie á primeira vista.

Ao lado norte e em frente de um grande parque, são os armazens de louça branca e pintada, casa de venda e escriptorio.

É ao centro d'estes armazens que fica a entrada para um grande pateo arborisado, onde se encontram, além dos armazens referidos, o deposito e officinas de fôrmas e moldes e das *gazetas*, (1) deposito de material de incendios, arrecadação do antigo museu da fabrica, officina de carpinteria, e entrada para os depositos de lenha.

D'este pateo passa-se para as officinas de olaria estabelecidas em duas grandes casas onde, trabalham cerca de 40 rodas de oleiro; junto a estas ha uma officina de aprendizagem e deposito de modellos.

Sahindo estas officinas e entrando n'um longo corredor, encontra-se ao fim duas officinas de pintura, onde ha modelos para o effeito, vendo-se penduradas pelas paredes algumas placas de porcelana com o retrato do fundador da fabrica.

Á direita d'este corredor fica a lythographia, e a seguir a esta, o deposito de louça para pintar, e defronte a casa das *muffas*, (2) onde ha tambem duas estufas.

Por baixo da casa de pintura é o deposito do barro preparado e mais officinas de preparação do mesmo, funccionando aqui uma machina de vapor.

Depois seguem-se as officinas de serralheria, de lavagem, estufas para seccar areia, depositos de carvão, e secca de barro, etc.

Seguem-se os fornos, sendo tres mais pequenos e um maior junto ao deposito da louça branca e officina de vidrar.

Ao norte da casa dos tres fornos, fica a officina de esculptura, e o laboratorio para a preparação das tintas e do oiro em solução. Está junto tambem a caldeira da calcinação do gesso.

As materias primas empregadas no fabrico da porcelana, são as argilas kaulinicas, o quartzo e o feldspatho. As duas primeiras vem de Valle Rico, concelho da Feira, e a ultima vem de Villa Meã, Mangualde e Porto.

O fabrico da porcelana é bastante trabalhoso. As materias primas que entram na sua composição e que acima referimos, passam por successivas preparações, que as expurgam de todas as impurezas que possam prejudicar a finura da porcelana.

Assim o quartzo e o feldsphato são escrupulosamente escolhidos, extrahindo-se-lhe todo o oxido de ferro que em geral contém, depois são calcinados e moídos por meio de galgas. A isto succedem-se lavagens e novas triturações em mós horisontaes, sendo em seguida guardados em depositos até adquirirem a consistencia conveniente.

Esta massa é depois lançada em vasos purosos a que chamam *coques*, e d'estes passa para umas mezas de marmore, onde torna a ser pisada então a pés, formando as *pélas* ou pães.

Como ultimo aperfeiçoamento é ainda amassada com as mãos, procurando-se unil-a e tirar-lhe qualquer impureza que reste.

Então é moldada nas peças que se querem fazer, as quaes ficam a seccar o tempo necessario para estarem capazes de entrar no forno.

A primeira cosedura é feita a calor brando a que chamam *chacote*, e, feita esta, a loiça fica apta a receber o vidrado por meio de immersão das peças dentro de grandes tinas onde está o esmalte diluido em agua.

Esta operação é rapida, pois apenas se immergem as peças, logo se tiram, ficando no mesmo momento seccas.

Segue-se depois um novo forniamento, em temperatura mais elevada, mettendo-se as peças nas *gazetas* em cujo fundo se deita areia afim de que ellas se não peguem.

Esta ultima cozedura é a mais melindrosa e a que reclama maiores cuidados. Principiando por um lume mais brando e egual que dura regularmente 10 horas, tapam-se depois as boccas dos fornos com tijollos refractarios, e desenvolve-se então lá dentro o grande calor, que é constantemente alimentado com combustivel em grande quantidade, e assim se conserva por espaço de vinte e quatro a trinta e seis horas, que é o tempo regular para que a loiça fique perfeitamente cosida, só se retirando do forno quando está completamente fria.

É depois de estar assim cosida que a loiça é pintada, e as tintas que se empregam são quasi todas vitrificaveis e obtidas por meio de combinações de oxidos, saes metalicos e fundentes. Os oxidos preferidos são o oxido de chromio, de ferro, de uranio, de manganez, de zinco, de cobalto, de antimonio, de cobre, de estanho e de iridium. Os saes mais empregados são os do chromato de ferro, de barita, de chumbo, empregando-se tambem o chloreto de prata.

Logo que esteja a loiça pintada, vae para as estufas competentes e em seguida para dentro das muffas onde são fixadas as tintas, ganhando as respectivas côres as que se vitrificam com os fundentes.

Como se vê é bastante laborioso o fabrico da porcelana, e para muitos inteiramente desconhecido este processo, com que se obtem os bellos productos que vêmos.

Actualmente o pessoal que dirige a fabrica de Vista Alegre é o seguinte:

Administrador, sr. Duarte Ferreira Pinto Basto; director, sr. João Antonio Ferreira; mestre de pintura, sr. Francisco da Rocha Freire; e dois contra-mestres da porcelana sr. Antonio Augusto Affonso e Manuel da Silva Marianno, o primeiro que dirige a preparação do barro, e o segundo que dirige a manufactura.

C. A.

(1) Caixas refractarias em que entram as peças de loiça para o forno.

(2) Pequenos fornos para a fixação das pinturas feitas na loiça.

AFRICA PORTUGUEZA — UMA PAIZAGEM DO RIO LOBITO (Segundo uma photographia de Moraes)

OS IRMÃOS ANDRADES

II

(Continuado do numero antecedente)

A noticia do ruidoso *successo* alcançado em Piza pelo tenor portuguez espalhou-se pela Italia e então começaram a chover em casa de Antonio de Andrade propostas de varios theatros lyricos.

A acceite, foi a do theatro Rossini, de Veneza, e em novembro de 1883 appareceu ao publico veneziano, com o mesmo agrado enthusiastico que tivera em Piza.

As operas que cantou em Veneza foram o *Fausto*, a *Luiza Miller*, a *Força do Destino* e o *Ruy Blas;* e o publico gostava tanto d'elle, que não queria ouvir no theatro Rossini outro tenor.

Uma vez Antonio de Andrade feriu-se n'um pé, e o medico ordenou-lhe o mais completo repouso, prohibindo-lhe sahir de casa.

O empresario do theatro Rossini, em vista d'isso, e para não ter o theatro fechado escripturou um tenor para o substituir.

Este tenor debutou no *Fausto* mas no meio da opera, o publico confrontando o tenor que estava ouvindo com o tenor portuguez, insurgiu-se, não deixou continuar o espectaculo, reclamou em altos gritos Antonio de Andrade, fez tal barulho, em summa, que o empresario não teve remedio senão ir lançar-se aos pés do tenor portuguez, pedindo-lhe por tudo quanto havia, que fôsse acabar a opera, senão o publico dava-lhe cabo do theatro.

Antonio de Andrade apesar de muito incommodado ainda, de mal poder dar passada, accedeu ao pedido do empresario e aos desejos do publico, e com grande sacrificio seu, lá foi agarrado a uma bengala, concluir, coxeando, o *Fausto* que o seu collega começára, e concluiu-o no meio d'uma calorosa ovação.

De Veneza o nosso illustre compatriota passou a Milão onde fez duas epochas consecutivas no Dal Verme, cantando além das operas que já tinha no seu reportorio, a *Traviata* creando tres operas novas, *Giordano Bruno, I Willis* e *Marcelina.*

Em setembro de 1884, Antonio de Andrade foi escripturado para Aix-les-Bains, para succeder immediatamente ao celebre Marconi.

Antonio de Andrade assignára escriptura com a condicção de *debutar* no *Ruy Blas,* mas levantaram-se difficuldades á prompta representação d'esta opera, e por fim o tenor portuguez, para não prejudicar o empresario consentiu em debutar na *Lucrecia,* apesar d'essa opera ter sido cantada ainda noites antes, com grande successo, pelo seu illustre antecessor.

Entretanto as recordações muito frescas do Marconi, não o prejudicaram. Antonio de Andrade foi muito applaudido, e fez sempre bisar a aria de *D. Sebastião,* que cantada pelo Marconi passava desapercebida.

Mais tarde Andrade cantou o *Ruy Blas* que pela primeira vez se dava em terras de França, acontecimento que chamou a *Aix-les-Bains,* muitos criticos distinctos, que todos elles subscreveram ao grande exito do nosso glorioso compatriota.

Maurel o celebre barytono, escreveu a Antonio de Andrade convidando-o a ir cantar *o Ruy Blas* e o *Simão Bocanegra* a Paris, Mapleson quiz escriptural-o para o levar com o Marconi á America, os empresarios de Trieste e Turim offereceram-lhe escripturas vantajosas, mas Antonio não acceitou estas escripturas por causa do colera, então muito violento na Italia, não acceitou as propostas de Mapleson porque só mais tarde quer fazer a viagem da America, as propostas de Maurel caducaram pela má sorte do seu theatro em Paris, e então o tenor portuguez resolveu descançar um bocado, approveitando tambem as ferias que por esse tempo tinha seu irmão Francisco, o grande barytono, para vir com elle até Portugal, matar saudades do seu pae, dos seus amigos e da sua bella patria.

Quando chegaram a Lisboa estava aqui fazendo grande *successo* em S. Carlos a cantora Marcella Sembrick.

Findas as suas recitas em Lisboa, a Sembrick foi escripturada para ir dar uma serie de 4 representações ao theatro de S. João, no Porto.

O empresario d'esse theatro, teve a boa idéa de convidar os dois illustres cantores portuguezes para essas representações, Antonio e Francisco de Andrade acceitaram o convite, e compartilharam do *successo* da famosa cantora no *Rigoletto* e na *Traviata.*

De Lisboa muitos amigos dos Andrades e muitos amadores de musica foram expressamente ao Porto para os ouvir, e deram por bem empregada a viagem, porque o *successo* dos dois artistas portuguezes excedeu tudo quanto d'elles se esperava.

Em vista d'esse *successo*, o sr. Campos Valdez quiz escriptural-os para cantarem a *Carmen*, a opera d'obrigo de estação de Lisboa, que alcançára um ruidoso *successo,* mas os irmãos Andrades não puderam acceitar a escriptura porque estavam contractados já pelo Carl Theater de Vienna de Austria, para ir dar uma serie de representações com a Sembrich a esse theatro, o que se não realisou por causa d'esta notavel cantora, que cahiu de repente enferma, com uma doença, que ao principio deu muito cuidado... mas que no fim de contas em vez de dar cuidado deu... á luz uma robusta creança.

*
* *

Em setembro de 1885 os Andrades foram escripturados para Moscow, onde pouco antes tinha cantado o grande Massini.

Ahi os cantores portuguezes tiveram uma das mais brilhantes epochas da sua gloriosa carreira.

O *successo* dos Andrades em Moscow foi perfeitamente triumphal.

A sua escriptura era apenas de tres mezes, mas em vista do seu exito colossal, o emprezario foi prolongando a sua escriptura até oito mezes, e ainda assim quando se retiraram receberam uma mensagem com 350 assignaturas das pessoas mais ilustres de Moscow protestando aos dois illustres artistas a admiração enthusiastica pelo seu talento, a pena que tinham de os ver partir e os votos ardentes para que em breve volvessem a Moscow.

D'ahi Antonio d'Andrade partiu para Turim onde ia crear o *Cid* de Massenet. A empreza porém mudára de idéa e em vez de pôr o Cid, poz os *Luthuiani* de Ponchielli, que o tenor portuguez não conhecia e que estudou e ensaiou em quatro dias apenas.

A opera que é difficillima e de muito trabalho para o tenor agradou immenso, Antonio d'Andrade teve n'ella um brilhante *successo,* mas depois de 8 recitas successivas adoeceu seriamente.

O esforço enorme que fizera deixára-o prostrado, e Antonio d'Andrade teve então que pensar seriamente na sua saude, e veiu para Lisboa começar o seu tratamento.

Esse tratamento foi demorado, tão demorado, que estando escripturado na epocha de 1887 no Covent Garden, de Londres, juntamente com seu irmão Francisco, Antonio nunca poude cantar em Londres e teve que ir para as estações d'agua da França acabar o seu curativo, preparar-se para a campanha do inverno de 1887 a 1888, a mais séria e a mais arriscada de toda a sua carreira artistica, porque era a primeira vez que o cantor lisboeta ia ser ouvido e julgado em Lisboa, pelos lisboetas seus patricios.

*
* *

Essa campanha foi para elle uma nova e brilhante victoria.

Antonio d'Andrade debutou no *Fausto,* ensaiado á ultima hora, para o theatro poder abrir no dia marcado, visto, por doença da contralto se não poder dar a opera em ensaios.

Apesar d'isso, porém, apesar das recordações que o *Fausto* do Massini deixára em Lisboa, a sua estreia foi um triumpho.

Depois, Antonio d'Andrade cantou a *Aida,* e surprehendeu a todos pela pujança de voz de que fez prova n'essa opera, e que ninguem suspeitava n'elle, pois só o julgavam um cantor de mimo, de *nuances* delicadas, como encontrara no *Salvè Dimora* do *Fausto.*

Depois o *Rigoletto* foi para elle um novo e brilhante exito; no *Baile de Mascaras,* que na primeira noite teve um exito muito indeciso, tem-lhe sido nas noites seguintes motivo para novos e calorosos applausos.

Finalmente, Antonio d'Andrade cantou o *Ruy Blas,* uma das suas mais brilhantes corôas, mas na noite em que o cantou estava gravemente doente; cantou o *Ruy Blas* a arder em febre, e tendo de momentos a momentos deliquios produzidos por uma grave affecção gastrica, que desde essa noite o tem tido de cama e de medico á cabeceira até hoje, que já lá vão 15 dias.

Apesar de doentissimo, Antonio d'Andrade esboçou com o seu bello talento todo o seu trabalho artistico, e pelo que elle fez sem quasi poder cantar, se pode calcular, o que elle fará d'esse papel, quando estiver em plena posse de todos os seus magnificos recursos.

(Continua.)

Gervasio Lobato.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA URBANA DE LISBOA (1)

Elles lá estão na sua faina, os obscuros obreiros do futuro.

Trabalham na treva, para nos darem luz; luctam nas entranhas da terra, para abrirem caminho á sociedade que quer avançar; e ninguem dirá que elles, occultos como vivem, não são os precursores do progresso, facilitando a travessia das montanhas, por fórma a poder-se parodiar o verso do nosso épico, que define o nosso passado de navegadores aventureiros.

Por terras nunca d'antes percorridas.

É um viver especial, o do mineiro; consome o seu dia sem muitas vezes vêr a luz do sol, e quantas horas sem respirar um pouco de ar puro e vivificador.

As suas alegrias são as peripecias do seu trabalho. Se a sua actividade se emprega em buscar sob o solo os filões do mineral, o seu maior prazer consiste em encontrar vestigios d'essa riqueza enorme que elle ali lucta por arrancar de entre a massa de barro e pedras que o circunda.

Se perfura a terra, para a construcção d'um tunnel, a sua grande alegria é avançar palmo a palmo para os seus companheiros que do lado opposto procuram, como elle, o momento feliz do encontro das suas picaretas de um e outro lado removendo o ultimo bloco que os sepára.

Foi uma festa d'estas a que se realisou no dia 20 de dezembro ultimo, no tunnel da Avenida.

Desde alguns dias antes, logo que os mineiros do primeiro poço sentiram, pelo ruido dos trabalhos dos seus irmãos no poço n.º 2, estabelecido no jardim da escola Polytechnica, que se approximava o momento do encontro, estabeleceu-se o desafio entre os dois turnos de um e outro lado, os do dia com os da noite, á porfia de quaes seriam os vencedores.

O avanço diario cresceu consideravelmente; o interesse pelo resultado appetecido estimulava-os; os seus esforços redobravam para alcançar o desejado fim.

Ás duas horas d'aquella noite a ultima parede que os separava cahiu aos golpes possantes da picareta, vibrados pelos que estavam do lado do norte, e aquelles rostos macilentos, pelo continuo viver nas trevas, no ambiente viciado, humido, do sub-solo, olharam-se risonhos á luz mortiça das candeias de azeite.

Uma exclamação de prazer sahiu-lhes do peito, ao verem-se ali ambos os grupos, recebendo da natureza que lhes abria as carnes o appetecido premio do seu trabalho.

Quanto desejo de se abraçarem sob aquella abobada irregular de travessas, barrotes e estacas!

Mas, ha n'este viver de continua lucta uma lei a que se não deve faltar.

O mineiro não attravessa o tunnel antes que o seu empreiteiro ou o seu engenheiro lh'o permittam.

Por isso um e outro grupo ficaram nos seus postos, apenas consolidando a parte em que a juncção tivera logar, e esperaram pacientes o momento da inauguração official.

Esta teve logar ás 2 horas da tarde.

Para essa festa fôra convidado, além do pessoal superior da direcção dos trabalhos, o engenheiro por parte da companhia o sr. Vasconcellos Porto.

O ponto da ligação estava ornado de flores, e todo o tunnel illuminado brilhantemente, lançando-se foguetes á entrada dos inauguradores que se realisou pelo poço n.º 1, no recinto dos Recreios, galeria superior, que é representada em tres das nossas gravuras.

Ao passar o ponto da juncção os vivas e hurrahs eram ensurdecedores, circumscriptos ali, em tão pequeno espaço.

Á sahida, pelo poço n.º 2, houve eguaes demonstrações de alegria; o resto do dia foi de folguedo e descanço para vencedores e vencidos, porque a gloria d'aquelles tambem por estes devia ser compartilhada, visto que para ella haviam trabalhado.

Hoje já egual facto se deu entre o 2.º e 3.º poço e talvez ao entrar no prelo esta descripção o 3.º e o 4.º já tenham communicado, estando portanto perfurados já mais de 1:500 metros, em pequena galeria.

Na bocca do tunnel do lado do Rocio já ha alguns metros de grande galeria, do desanche, e em breves dias se vae começar a abobada.

D'este lado a entrada será de duas galerias de

(1) Vidè as gravuras publicadas em o n.º 321 do OCCIDENTE de 21 de novembro de 1887.

8 metros de largura, separadas por uma parede de 1 metro e 50.

Estas duas galerias prolongam-se na extensão de 30 metros, reunindo-se depois n'um só tunnel para duas vias.

Sobre a abobada, ao centro das duas aberturas, de face para o sul, será collocado o apparelho *Interloking System*, com o qual um só homem faz mover, com a precisão e rapidez necessarias, as 4 agulhas que ha dentro do tunnel, para a mudança das machinas de uma para outra via.

Aos lados ver-se-hão as armas de Portugal e as datas do começo dos trabalhos e do seu acabamento.

A estação, cujo edificio para passageiros já descrevemos, será repartida em tres grupos de linhas, ladeados por patins cobertos por elegantes marquizes.

As linhas que ficam no grupo do lado da Avenida serão as da sahida dos passageiros para as grandes linhas — Porto, Hespanha, França, linhas de Cintra, Torres, Figueira, Beiras, Minho e Douro, etc.

As linhas do lado opposto destinam-se á chegada dos comboios d'essas mesmas linhas.

As do grupo central são destinadas a um serviço novo entre nós, na exploração das linhas ferreas portuguezas, isto é, o serviço suburbano, feito por pequenos comboios successivos, para as povoações proximas, especie de comboios-tramwais, que, n'alguns paizes até, teem paragens em transito, como os americanos.

Para esse fim, o serviço faz-se no systema de *navette* sempre, com o mesmo material, mudando apenas a machina para a frente do trem, assim que este pára na sua estação terminus.

É por isso que as referidas linhas do grupo do centro, teem no principio tres placas rotatorias que as põem em communicação, entre si, e por meio das quaes, a machina que reboca um comboio que chega, vae immediatamente tomar a outra linha e, por esta fórma, collocar-se na cauda do trem, a fim de o levar em sentido inverso, logo que tenham entrado os novos passageiros. Dez minutos são bastantes para a sahida de uns, entrada de outros e partida do comboio.

Ao fundo da estação, juncto á cêrca de S. Roque, vae ser construida uma casa para empregados, cocheira para machinas, reservatorio de agua, placa para locomotivas, caes de carvão, grua, etc.

Ao todo, a estação mede 60,57 metros de largura e 215 de comprimento, desde a entrada do tunnel até á parede do edificio de passageiros.

L. de Mendonça e Costa.

HISTORIA SINGELA

I

Estava-se em maio: — tinha já vindo o cuco.

No cimo d'um outeiro que dominava o logar, ficava a ermidinha de Sant'Iago, a curta distancia d'um velho palacio deshabitado, que se via de muito longe, e que pela chegada da sombra á linha inferior das janellas, indicava o meio-dia aos caseiros de todas aquellas quintas por alli.

Subia o outeiro levemente, e nem a mais pequena mancha de terreno se via n'aquelle tempo negrejar. Era tudo uma larga symphonia brilhante na escala do verde, tendo como notas de passagem, saltitantes e graciosas, pedras caiadas d'onde o sol radiava, offuscante, postas a afugentar a pardalada bohemia das ervilhas mimosas que vicejavam tentadoramente, prendendo-se a velhos troncos de oliveiras.

N'aquelle dia, havia festa na ermidinha. Como a porta dava para o pateo da velha casa-nobre, formaram-se n'elle, depois da missa, grupos vistosos e alegres, que, destacando-se da parede amarellada, por onde o sol se entornava prodigamente, lembravam pinturas bysantinas, feitas em ouro. Irradiava d'elles a alegria mais perfeita, a que só o velho palacio resistia corajosamente, protegido pela saudade d'um mundo extincto, de que elle fôra parte, substituido agora por outro, onde era apenas uma recordação, ou um protesto.

De todas as raparigas, a mais bonita era incontestavelmente a Leonor dos Arcos. O seu bom gosto, revelado no trajo simples, mas elegante, valeu-lhe muitos commentarios:

— É para aquillo, anda o pae a mourejar todo o santo dia, que ainda a manhã vem em casa da fortuna, já elle vae para o trabalho; dizia a prima Helena, da quinta de cima.

A Leonor, porém, não se preoccupava com isto. Se estava triste, era por não ter alli o seu José, que tinha ido trabalhar. O mestre da obra onde elle andava, lá na villa, não prescindia d'elle, por um só quartel que fosse: — não havia official de pedreiro que o excedesse. Era tambem um dos rapazes mais alegres da aldeia, e por feiras e romagens, ou no caminho para a missa das almas, — quando a torre da egreja, caiada de branco, umas vezes se contornava nitidamente no azul, e outras, se esfumava em brumas pardacentas, — era sempre quem fazia rir todos. As velhas chamavam-lhe *judeu*, e recordavam-se do pae d'elle, com saudade.

A idéa de encontrar-se com o namorado, á noite, no bailarico, suavisava, comtudo, a tristeza da Leonor. Imagine-se como ficaria surprehendida, quando, ao vel-o entrar na sala grande do palacio, onde, por concessão do caseiro, se dançava n'aquella noite, comprehendeu que o José tinha perdido a sua alegria habitual. Fixou n'elle um olhar demorado, querendo advinhar a causa d'aquella transformação verdadeiramente surprehendente, e em breve rolou uma lagrima pelo seu rosto moreno, d'um oval correctissimo, onde a pelle tinha brilhos suaves, levemente carminada.

A Leonor disfarçou, voltando-se para examinar um azulejo decorativo, e pouco depois sahiu. O José comprehendeu-a. Sahiu tambem.

Encontraram-se no pateo, junto de uma janella de volta ogival, rasgada no velho muro denegrido, que dava para a quinta, e onde a hera ia pouco a pouco deslocando as pedras. O luar illuminava suavemente aquella scena, dando-lhe um aspecto encantador.

O José abraçou estreitamente a enamorada rapariga, beijou-a na bocca de correcção classica, e disse-lhe, muito agitado, — que não queria ter segredos para ella. No dia seguinte, ao nascer do sol, vinha para Lisboa, e depois, embarcava para o Brazil. Que não se entristecesse. Elle voltaria d'alli a pouco tempo, talvez rico, e nunca se esqueceria da sua Leonor.

E foram seguindo, quasi sem darem por isso, a azinhaga pedragosa dos Arcos.

Iriam tambem outros rapazes da aldeia, e quem lhes arranjára os papeis tinha sido o Manuel da da Silva, — ella sabia? — aquelle de Lisboa, que viera á compra dos vinhos. Quando voltasse, mandaria fazer uma casa bonita, como a do *brazileiro* das *Lages*, e era até possivel que fosse ás côrtes. Ao menos, conhecia de perto as terras do districto, que esse para deputado, em que por alli se fallava, talvez nem de longe tivesse visto. É verdade que era doutor de Coimbra, e já promettêra que o pomar da quinta de Cima e a vinha das *Freixedas* não seriam cortados pelo caminho-de-ferro.

N'isto, um feixe de luz, escapando-se por um postigo estreito, veiu advertil-os de que tinham chegado a casa da Leonor, — uma casita pequena, entre nogueiras e carvalhos, e ao fundo, ainda longe, os arcos do encanamento que trazia agua da serra para a quinta das *Freixedas*.

Separaram-se.

No outro dia, quando o sol, ainda escondido, se denunciava já pelos tons carmineos do oriente, e apenas o rumor da agua, cahindo n'uma levada, perturbava a quietação da paizagem, humedecida pelo orvalho da noite, — a Leonor foi ao extremo da aldeia dar o ultimo adeus ao namorado, e, ao voltar, o Antonio Rendeiro, que se dirigia para as terras de *Pedr'Alves*, onde tinha para cima de cem homens n'uma surriba, quiz dar-lhe um beijo. Ella fugiu, e n'um momento estava em casa.

II

Em vez de seguir viagem, como esperava, o José ficou preso em Lisboa. Tinha sido enganado: — o passaporte era falso.

Na prisão, a sua memoria poderosa de homem do campo evocava os aspectos da aldeia: — a vegetação robusta dos terrenos humosos; os escuros fortes das arvores, por cujas abertas pequenas manchas alvacentas indicavam, como nas paizagens de Corot, povoações distantes; os penedos irregulares, que pareciam a todo o momento, desprender-se das serranias graniticas. Reconstituia o murmurio suave da agua, correndo nas regas sobre os seixos rolados; o som do chocalho das cabras, repercutido muitas vezes pelas quebradas da serra. A doce figura idyllica da sua Leonor, nem por um momento lhe desapparecia da imaginação.

Logo que readquiriu a liberdade, poz-se a caminho de casa. Ia triste, sem saber bem porquê. Só quando o vento sul trouxe de longe o perfume caracteristico da serra, e viu desenhada no horisonte a *silhouêtte* da aldeia, se alegrou como por encanto.

A primeira pessoa que viu, foi o Bento ferrador, que lhe disse laconicamente:

— O rapaz, vae depressa; olha que ficas sem noiva. A Leonor lá está na egreja e *mal* o Rendeiro. Elle d'uma banda, e o pae da rapariga, d'outra, tanto fizeram, tanto fizeram, que ella não teve remedio senão dar o sim. » —

Instantes depois, entrava o José na egreja, e n'essa occasião, perguntava o prior á noiva se era por sua vontade que tomava por esposo o Antonio Rendeiro. A Leonor viu logo o namorado, e respondeu, quasi sem pensar:

— Não, senhor.

III

O noivado do José e da Leonor effectuou-se mezes depois. Não havia na aldeia memoria de dia mais alegre.

Nas cercanias, só o Rendeiro obrigou os seus trabalhadores a irem para o campo, e quando os noivos, ao voltarem da egreja, passaram por um milharal onde elle trazia a sua gente á apanha, deu um murro forte n'um pequenito que tinha deixado escapar uma das pontas do vime com que estava atando um feixe de milho, — e gritou:

— Os diabos te levem, que nem para isso tens arte!

José Pessanha.

ERRATA

No ultimo conto que publicámos no OCCIDENTE, vol. x, pag. 263, deve o leitor fazer as seguintes substituições: *anda*, por *ainda*. (pag. 263, col. 3.ª, lin. 27); *Quando voltei*, por *Casaram*; *quando, porém, voltei* (pag. 264, col. 2.ª, lin. 42.)

RESENHA NOTICIOSA

FRONTÃO. O esculptor sr. Soares dos Reis foi encarregado pelo sr. marquez da Foz, de fazer um modelo de frontão para o seu palacio da Avenida da Liberdade.

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA SUISSA. Foi eleito presidente da republica da Suissa o sr. Hertenstein, engenheiro, natural de Zurrich. As eleições do presidente na Suissa, tem logar todos os annos. A verba destinada ao presidente da republica é de 13:500 francos ou 2:430$000 da nossa moeda. Não sabemos se com tão magros proventos, haverão tantos pretendentes á presidencia, como em Portugal ha a qualquer emprego de amanuense.

CONCURSO DE PINTURA. Terminou no dia 31 do mez findo o prazo para o concurso ao premio que a camara municipal de Lisboa offerece, á melhor composição de um quadro representando a *partida de Vasco da Gama para a descoberta da India*. Os concorrentes foram os srs. Columbano, Condeixa, Malhôa, Villaça, Vaz e Marques Guimarães.

MONUMENTO A FONTES PEREIRA DE MELLO. Parece que o local escolhido para a erecção do monumento a Fontes Pereira de Mello é o largo de Camões. Achamos, porém este largo tão improprio, pelas suas acanhadas dimensões, para n'elle se levantar qualquer monumento, mesmo de modesta fabrica, que não nos parece se torne effectiva esta escolha, ainda que se diga que o referido largo vae ficar mais espaçoso depois das obras da nova estação, e que mais tarde sejam demolidos os predios que o separam da Avenida da Liberdade, pois n'este caso difficilmente se poderá collocar o monumento em alinhamento com a mesma Avenida, com que vem a entestar.

DECORAÇÃO DE PALACIO. Os artistas portuguezes srs. Raphael Bordallo, Columbano Bordallo e Villaça, foram encarregados pelo sr. conde de Valenças, de decorarem as salas do seu palacio, no Pau da Bandeira. Este magnifico palacio que foi comprado pelo sr. conde, aos herdeiros da condessa de Porto Covo, tem soffrido grandes obras de embellezamento a que tem presidido o melhor gosto e arte.

UM CONVITE ÁS SENHORAS PORTUGUEZAS. Lady Archibald Campbell, convida as damas portuguezas a concorrerem com os seus apreciados

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA, NA VISTA ALEGRE.

Vid. artigo «Fabrica de Porcelana da Vista Alegre»

(Segundo uma photographia de Sartoris)

trabalhos de costura e de bordados á exposição de Glasgow, que se realisa este anno. Para esse fim haverá uma secção especial n'esta exposição. Toda a correspondencia sobre este assumpto deve ser dirigida a Miss Grace Paterson, 27 S. Vicent Place—Glasgow.

Exposição de Pintura em Munich. Realisa-se no mez de abril proximo, uma exposição de pintura em Munich. O governo allemão convidou os artistas portuguezes a concorrerem a esta exposição.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os Argonautas, *subsidios para a antiga historia do Occidente* por F. Martins Sarmento, Porto, typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1887. Um vol. in-4.º de 292 pag.as, XXXI de introducção e dois mappas. Esta obra é dedicada pelo autor á *Sociedade Martins Sarmento*. Levar-nos hia longe o estudarmos detidamente este livro do sr. Martins Sarmento para sobre elle imitir-mos uma opinião, dado o casa de que nos não falha-se a competencia; entretanto pela simples leitura, vê-se que o autor se deu a um profundo estudo da velha historia Argonautica e de quanto são judiciosas as considerações que faz para chegar á conclusão de que os Phenicios e não os Gregos foram os primeiros argonautas e que estes, foram, portanto, os que vieram ao Occidente. É escusado encarecer os profundos estudos a que o sr. Martins Sarmento procedeu para produzir a sua obra, e estamos certos que ella vae interressar quantos se entregam ao estudo das epochas passadas, um dos estudos que no presente seculo mais conquistas tem feito, e para os quaes o nosso paiz tambem tem concorrido com trabalhos de valor, como o de que vimos de fallar e outros, em que o sr. Martins Sarmento tem sido um dos mais assiduos e fecudos obreiros.

Almanach Illustrado para 1888, propriedade de Francisco Pastor, director litterario J. Menezes. É o sexto anno de publicação d'este elegante almanach, que se destaca muito vantajosamente entre a grande collecção de almanachs que todos os annos sahem á luz. em Portugal.

Jornal de Horticultura Pratica, proprietario José Marques Loureiro, redactor Joaquim Casimiro Barboza, Porto. Entrou no decimo nono volume e anno de publicação este magnifico periodico mensal, cujo genero é dos que mais devem interessar n'um paiz agricola como o nosso. Este periodico de que tem sido redactor principal, desde a sua fundação, o sr. Duarte de Oliveira Junior, passou este anno a ser dirigido pelo sr. Joaquim Casimiro Barboza, em consequencia de outros trabalhos não permettirem ao sr. Oliveira Junior o continuar com aquelle encargo, continuando entretanto a collaborar no mesmo periodico. A competencia do sr. Casimiro Barboza é garantia de que o *Jornal de Horticultura Pratica* continuará a ser uma das melhores publicações que no seu genero se fazem no paiz.

O Atheneu, *sciencias, artes e letras*. É este o titulo de uma revista quinzenal que nos chega de Portalegre. A sua collaboração é escolhida figurando n'ella alguns nomes conhecidos como Trindade Coelho, Antonio Fogaça etc. É impresso nitidamente e em bom papel.

Os Binoculos *por dois bohemios*, Angra do Heroismo. N.º 1. Dezembro de 1887. Publicação mensal, em um pequeno folheto de 32 paginas de critica alegre. O campo é vasto para a critica, e os *dois bohemios* terão muito que fazer se o publico acolher bem a sua prosa.

Novo livro de synonimos portuguezes, *redigido expressamente para os que frequentam as aulas de lingua e litteratura portugueza, 1.º, 2.º e 3.º anno, nos lyceus e institutos particulares, precedido de uma lista dos principaes prefixos e suffixos da lingua para a interpretação mais facil dos synonimos de radicaes identicos*, por Jacob Bensabat, auctor de diversas obras sobre ensino primario e secundario. Porto, livraria Minerva, de Guilherme Clavel de Moraes & C.a, 1887. Recommendamos este bello livro aos estudantes, como de grande auxilio para o estudo da lingua portugueza.

Especimen de carimbos de borracha e de metal *feitos no atelier de gravura e fabrica de carimbos de A. J. S. Ramalho*. Encontra-se n'este aprimorado especimen grande variedade de carimbos que attestam a perfeição com que o sr. Ramalho se desempenha d'estes trabalhos.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa